

O ex-Sarney

Nirlando Beirão *

O presidente Sarney foi à televisão, esta semana, sem o jaquetão preto característico. Envergava um modelinho azul-bebê, que lhe caía bem, a ponto de a olhos mais indulgentes oferecer a ilusão de um súbito rejuvenescimento. Parecia aquele senador do PDS que ele jamais deixou, a rigor, de ser. O presidente da República soltou-se também nos gestos e no, digamos, timbre, com momentos estrepitosos de um tenor de *Rigoletto*.

Nos seus arrancos de oratória, adocicados pelo figurino *soft*, Sarney demonstrou que pretende se encarregar de uma reputação com o empenho que lhe falta nas tarefas de governo. Saiu de casa para a tevê com o visível intuito de regar a posteridade, que é o futuro olhando para o passado, talvez porque o presente já lhe tenha escorrido entre os dedos. Exprime, assim, a justificada esperança de homem que foi atropelado pelo destino mas que ainda tem fé na História, capaz de ser compreensiva com sua hoje intolerável maldição. Fique descansado o presidente da República. O país concorda com ele. Está todo mundo louco para considerá-lo um excelente ex-presidente.

Poderia até sê-lo, desde já, abreviando-lhe a espinhosa missão de desafiante dos fados e da descrença, se o próprio Sarney não tivesse, num momento infeliz de sua biografia, se deixando levar por conselhos nefastos. Sarney seria, sim, hoje, um ótimo ex-presidente, instalado confortavelmente na sua quinta de Sintra, gozando as delícias do verão português e da mesa farta, vinho verde e pastéis de Santa Clara. Ao lavar as mãos, prosaicamente, antes das refeições prodigiosas do corpo e da alma, ele estaria celebrando metaforicamente a sua liberdade: libertado *do karma* de uma inflação de 30% ao mês, de ministros moleirões, de pedidos de emprego com sotaque nordestino, das limusines sufocantes, da imprensa implacável que, pasmem, sequer o deixava desfrutar dos prazeres privados de uma viagem a Paris.

Dispensado da leitura dos cruéis matutinos pátrios, sobriaria tempo para Eça e Machado, refrigerio para o espírito sereno e versátil do poeta incompreendido e quem sabe, um dia, a Academia Lusitana não haveria de convidá-lo para uma dupla e merecida imortalidade?

Não, Sarney se submeteu ao fardo da condenação, no gozo estranho da sua própria infelicidade. A nação, em peso, teria dispensado-o em março passado da rotina presidencial, remetendo-o triunfalmente para a lavoura de sua posteridade, mas foi o próprio presidente quem obstinou, quem encasque-

tu, quem emburrou. A Constituinte pedia, suas lideranças queriam, a nação implorava, mas, submerso pelo aluvião de nomeações e concessões, o principal interessado fraquejou: insistiu nos cinco anos e nas previsíveis consequências de seu comover desprendimento pessoal. Sacrificou-se pelo Brasil.

Afirmou Sarney na sua por assim dizer entrevista à TV Bandeirantes que sua Presidência deixa como legado ao cidadão brasileiro o pleno exercício de direitos e liberdades. Dissé também o presidente que não existe mais tutela militar aos poderes da República. Pena que o próprio Sarney tenha se privado do desfrute de seu importante legado democrático. Ele, coitado, defrontou-se com os maus honores da caserna, tanto que despachou seus líderes à Constituinte para adverti-la das pressões fardadas que exigiam os cinco anos de mandato. Não havia, nunca houve tutela sobre a sociedade, assegura Sarney. Só sobre ele, probrezinho.

A agonia será, infelizmente, abreviada. Março de 1990, diz a Constituição. Janeiro, prenuncia o bom senso. Não se trata sequer de oferecer ao cansado presidente o benefício pessoal do desfrute antecipado das férias e da posteridade pela qual ele tanto zela. Trata-se, sim, de um imperativo dinâmico da política. Imaginem o que estará ocorrendo em dezembro. Um presidente eleito por 50 milhões de votos, no primeiro ou no segundo turno, terá, naturalmente, as honras de todas as câmeras e *spots*, enquanto que o Palácio do Planalto, com seu inquilino de nenhum voto, estará compreensivelmente transformado no deserto de moscas vagabundas. Até os pedintes sumirão. Nem os mais fiéis repórteres chapa-branca permanecerão no posto. A crise que Sarney não vê impacientará o País. Sarney terá de se contentar em esvaziar as gavetas em tempo menor do que três meses.

O alívio não é um sentimento nobre, na escala psicológica, mas há momentos em que ele é indispensável. Sarney poderá ter, enfim, a sua porção. Livre dos aborrecimentos, das incompreensões, até dos vexames involuntários como aquele a que o submeteram um candidato atrevido e um ministro seu, na mesma segunda-feira de seu discurso febril. Sarney sabe que foi ele o sujeito oculto da farsa dos dossiês, protagonizada pela dupla Collor e Corrêa. Aquele que é candidato diz àquele que pretende ser que o governo que ele representa é corrupto. O ministro com ambições presidenciais diz ao candidato que corrupto é ele. As câmeras documentam o soleto desdobrar dos "Vossas Excelências" e todos vão dormir placidamente como se nada tivesse acontecido. A polícia não foi acionada.

Sarney com certeza passou a noite em claro, atormentado pela certeza de que, no final da ópera, o papel bufo sempre sobrará para ele.